



A crise das empresas PontoCom como elemento-chave para compreensão da internet nos dias de hoje¹

Bruna Medeiros Gouvêa²; Alain Herscovici³.

RESUMO

O projeto de uma rede de computadores interconectados foi concebido no âmbito das Universidades, Centros de Pesquisa e por meio das instituições governamentais, sobretudo em suas atividades ligadas ao exército. Todavia, o que ocorre nos anos 1990 é um processo de apropriação dessas redes por entidades privadas, empresas que outrora não queriam despendir um alto investimento para o desenvolvimento dessa tecnologia, passa a controlá-la dada a febre de privatizações no setor. A internet, nessa altura, era vista com gana pelos especuladores financeiros que apostavam na tecnologia como uma espécie de “nova economia”, essas aplicações nas empresas “de garagem” transformou-as em grandes corporações. (BOLAÑO & VIEIRA, 2014; CASTELLS, 2003; O’REGAN, 2021).

Entre os anos 1998 e 2000 o setor tecnológico correspondeu a 20% das ações que eram negociadas na bolsa, as avaliações do mercado eram altas, muito mais do que efetivamente o ramo poderia oferecer naquele momento. A forma de rentabilidade das redes era um desafio para aqueles empresários da tecnologia, uma vez que o caráter gratuito da internet impossibilitava a monetização pelas vias mais comuns à época. (OFEK & RICHARDSON, 2003; TARRIT, 2012). Em vista do parco entendimento de como se procedeu a rentabilidade desses empreendimentos, que ocasionou em uma bolha financeira no primeiro momento, e hoje situam-se entre as empresas mais rentáveis do mundo, uma investigação mais aprofundada se faz necessária.

A priori, a publicidade como matriz de financiamento não foi bem aceita, mesmo pelos empresários, e se mostrou um grande fracasso. As taxas de acesso aos sites só fizeram com que o usuário se afastasse dessas plataformas. Assim, o mercado não sabia como se rentabilizar e as apostas superestimadas desencadearam uma queda brusca das ações dessas empresas chamadas “PontoCom” em março de 2000. No mês seguinte a Nasdaq teve o seu pior tombo histórico, os títulos prosseguiram em declínio até 2001. O desajustamento do mercado foi visto como uma compensação da valorização indiscriminada daquelas firmas. Ainda assim, pouco tempo depois da bolha explodir, os investidores em capital de risco voltaram a financiar *startups* na esperança de encontrar um “novo Google”. Apenas isso, no entanto, não garantiria o sucesso das empresas da internet no século XXI, elas tiveram que retomar a ideia dos anúncios que agora eram feitos por uma segmentação dos espectadores, esse foi o início do que se chama hoje de “capitalismo de vigilância”. (ZUBOFF, 2020; GAITHER & CHMIELEWSKI, 2006)

¹ Grupo de trabalho 6 – Teoria e Epistemologia da Economia Política da Comunicação

² Mestranda em Economia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com bolsa FAPES, pesquisadora do Grupo de Estudos de Crítica a Economia Política (GECEP) e membro do Grupo de Estudo em Economia da Cultura, da Comunicação, da Informação e do Conhecimento (GEECICC). E-mail: bruna.gouvea@edu.ufes.br.

³ Doutor em Economia pelas Universidades de Paris I Panthéon-Sorbonne e de Amiens, Coordenador do Grupo de Estudo em Macroeconomia (GREM) e do Grupo de Estudo em Economia da Cultura, da Comunicação, da Informação e do Conhecimento (GEECICC), Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGEco) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pesquisador do CNPq. E-mail: alhersco.vix@terra.com.br.

A bolha das PontoCom fez com que a internet, outrora um ambiente de liberdade, fosse reconfigurada em prol de sua mercantilização, as conexões humanas foram monetizadas, pois era essa interação que as pessoas mais estavam interessadas dentro da rede. Assim, as empresas passaram a usar a plataforma como meio ao qual a finalidade era enviar mensagens publicitárias (de empresas, pessoas e, eventualmente, políticos) visando somente sua rentabilidade e, para isso, utilizaram-se de invasão de privacidade e mecanismos de algoritmos (HERSCOVICI, 2021; SNOWDEN, 2019; NETO, 2021). Isso se coaduna com o capitalismo contemporâneo em que todas instâncias da vida humana são transformadas em mercadoria (DARDOT & LAVAL, 2016).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLAÑO, C. R.S; VIEIRA, E. S. Economia política da internet e os sites de redes sociais. **Revista Eptic Online**. V.16, n.2, p.75-88, mai-ago 2014.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GAITHER, C; CHMIELWSKI, D. Fears of Dot-Com Crash, Version 2.0. **Los Angeles Times**, July 16, 2006. Disponível em <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2006-jul-16-fi-overheat16-story.html>. Acesso em 26 abr, 2022.
- HERSCOVICI, Alain. **Big Data, Rastreabilidade e Assimetrias de Informação**: Opacidade, Ingerência e Democracia. 2021.
- NETO, A.S.R. Capitalismo de vigilância: Caminho ao abismo. **Outras Palavras**. Dez 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/capitalismo-de-vigilancia-caminho-ao-abismo/> . Acesso em: 29 ago, 2022.
- O'REGAN, G. **A Brief History of Computing**. 3 ed. Springer, 2021.
- OFEK, E; RICHARDSON, M. DotCom Mania: The rise and Fall of Internet Stock Prices. **The Journal of Finance**, v. LVIII, n.3, jun 2003.
- SNOWDEN, E. **Eterna vigilância**. São Paulo: Planeta, 2019. Kindle edition.
- TARRIT, F. The current world crisis: an expression of the instability of capitalism. A Marxist view. In: **VII Colóquio Internacional Marx Engels**. Jul, 2012.
- ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.